

As Prendas e seus Vestidos

Recentemente assisti a uma palestra ministrada pela folclorista, pesquisadora e escritora, Lilian Argentina, a respeito do traje gauchesco (pilchas). Chamou-me a atenção a insistência da palestrante em afirmar que os trajes femininos, utilizados pela prendas, não condizem com a trajetória histórica do povo gaúcho, especialmente no que diz respeito a sua situação econômica.

Apesar do pouco conhecimento que tenho do tema, não me é difícil perceber que os vestidos das prendas, na sua maioria, são ricos: é comum o uso da seda e do veludo; os bordados e os apliques são comuns; o corte está mais próximo das rainhas do que das camponesas.

Há, no dizer da professora Lílian, um descompasso entre a indumentária dos peões, que normalmente representa o homem do campo, o trabalhador, e o das prendas que parecem todas representantes da aristocracia.

Diante da instigação da pesquisadora, passei a analisar o último Concurso Estadual de Prendas e me apercebi que as concorrentes usavam vestidos sofisticados e exclusivos. A imagem que veio a mente foi aquela do fandango quando eles estavam sentados lado a lado formando um cenário maravilhoso, mas que abstraído o momento, poderia ser tomado como um desfile de moda, tal a beleza, o luxo e a diversidade dos modelos de vestidos.

O vestido de prenda, sabemos, foi “inventado” pelo 35 CTG, por volta de 1950, portanto, somente agora, estaria adquirindo o status de fato folclórico, porém se compararmos os vestidos utilizados pelas prendas até a criação do MTG, em 1966, e os que são usados hoje, não encontraremos muitas semelhanças. Aqueles eram simples, no tecido e no corte, estes são ricos.

Outra constatação inevitável é de que tanto as prendas que participam de Concursos quanto os grupos de danças exigem dos pais altos investimentos em pilchas, seja pela quantidade, seja pelo preço de cada vestido. Com relação aos grupos de dança o exagero dos gastos atinge também os trajes dos peões.

Não tendo claras as razões que levam ao presente estado de coisas nesta área da indumentária, mas estou convicto que é hora de rever conceitos, retomar hábitos e desonerar pais e entidades, sob pena de termos que dar razão aqueles que nos vêem como um movimento elitizado, o que em absoluto é verdadeiro.